

S/A

PROF^a SOFIA CORSO

GUIA

ARTE CONTEMPORÂNEA *Brasileira* PARA O ENEM

Search...

Leitura de imagem e conexão com
História, Literatura, Sociologia e
temas contemporâneos

Arte Contemporânea Brasileira para o ENEM

Imagem, identidade, memória, política e sociedade na arte brasileira

20 obras para compreender o Brasil contemporâneo

Prof^a Dra. Sofia Corso

20 obras • 17 artistas • 7 grandes temas



Por que estudar arte contemporânea para o ENEM?

Estudar arte contemporânea não significa decorar nomes de artistas, datas ou movimentos. Significa aprender a olhar para uma imagem e perceber que ela participa das disputas de seu próprio tempo.

Na arte brasileira contemporânea, questões como racismo, memória da escravidão, identidade, povos indígenas, meio ambiente, desigualdade, gênero, violência e vida urbana aparecem não apenas como temas, mas também na própria forma das obras.

Fotografias são costuradas.

Mapas são rasgados. Corpos ocupam as ruas.

Lixo transforma-se em imagem.

Arquivos históricos são desmontados e reorganizados.

Uma caminhada pode tornar-se obra de arte.

Neste material, vamos conhecer 20 obras e produções fundamentais para compreender alguns dos principais problemas da arte contemporânea brasileira — e, ao mesmo tempo, desenvolver uma habilidade essencial para o ENEM: interpretar criticamente as imagens do nosso tempo.



afinal, o que é arte contemporânea?

Durante muito tempo
perguntamos:

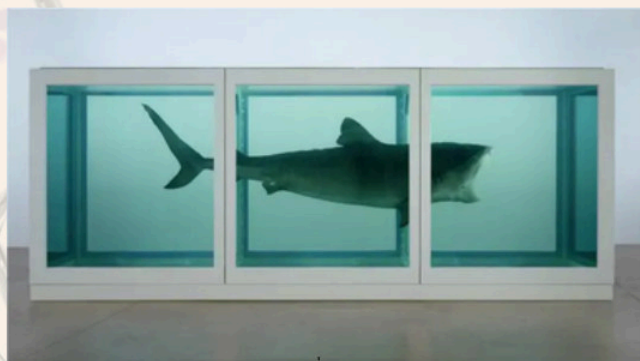
"O que esta obra
representa?"



Claude Monet, Impression, soleil levant, 1872

Na arte contemporânea precisamos
perguntar também:

"O que esta obra faz?"



Ela denuncia?
Questiona?
Apropria-se de outra
imagem?
Interfere no espaço?
Convoca o
espectador?
Reescreve uma
memória?

A Impossibilidade Física da Morte na Mente de Alguém Vivo, 1991, Damien Hirst

A obra não precisa ser uma pintura...

Instalação

Fotografia

Objeto

Performance

Vídeo

Intervenção

Grafite

Ação

Experiência

Apropriação



PARA O ENEM

Não tente primeiro descobrir se uma obra é "bonita".

Pergunte: Qual problema ela apresenta? Essa pergunta será nosso guia ao longo deste e-book.



Sumário temático

01 — Memória, raça e apagamento

Rosana Paulino • Dalton Paula • Ayrson
Heráclito

02 — Povos indígenas e disputa da imagem

Denilson Baniwa • Jaider Esbell • Daiara
Tukano

03 — Colonialismo e identidade brasileira

Adriana Varejão • Paulo Nazareth

04 — Meio ambiente, consumo e trabalho

Vik Muniz • Frans Krajcberg • Nuno Ramos

05 — Cidade, periferia e desigualdade

Maxwell Alexandre • OSGEMEOS •
Eduardo Kobra

06 — Corpo, gênero e poder

Berna Reale • Panmela Castro

07 — Participação e experiência

Ernesto Neto

CAPÍTULO UM

MEMÓRIA, RAÇA E APAGAMENTO

Quando a arte disputa a História

Rosana Paulino

1. Bastidores, 1997



Linguagem: fotografia, tecido, bordado

Detalhe



Palavras-chave:
• racismo • gênero
• silenciamento • violência

o que *estou vendo?*

Fotografias de mulheres negras são transferidas para bastidores utilizados tradicionalmente para bordado. Sobre os rostos, costuras agressivas atingem olhos, bocas e gargantas.

por que *essa obra importa?*

Paulino transforma uma técnica historicamente associada ao universo doméstico e feminino em instrumento de denúncia. A costura deixa de reparar ou ornamentar: ela fere.

OLHAR DE **PERTO**

O material também significa.

Na arte contemporânea, não devemos observar apenas o que está representado, mas com que materiais e procedimentos a obra foi construída.

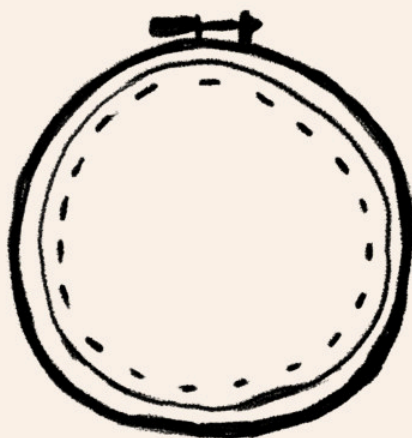


CONEXÃO ENEM

Racismo estrutural • violência contra a mulher • memória da escravidão • representação da mulher negra.

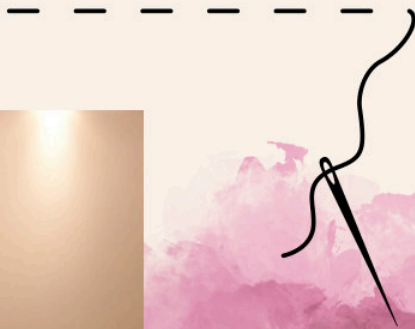
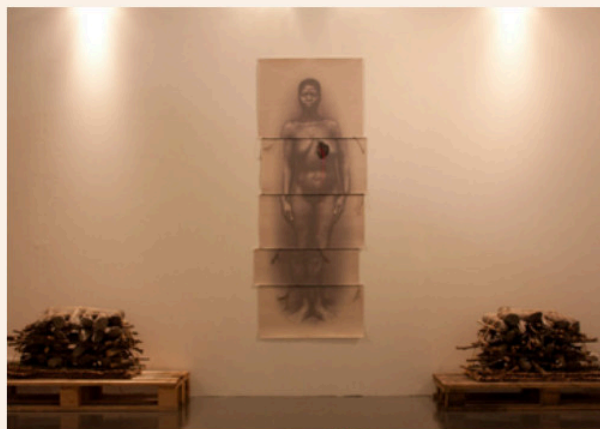
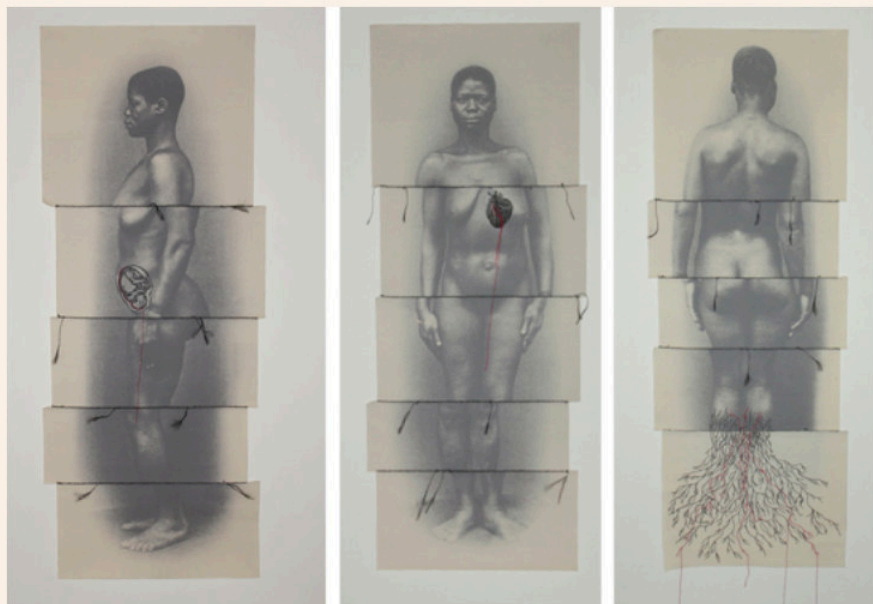


A costura, tradicionalmente utilizada para unir, aqui evidencia uma ferida.





2. Assentamento, 2013



Palavras-chave:
arquivo • racismo científico •
fotografia • colonialidade



CONCEITO CHAVE

O arquivo não é neutro.

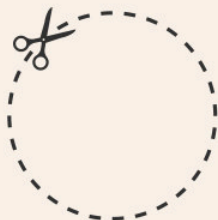
As fotografias históricas não apenas documentam pessoas e acontecimentos.

Também podem carregar os valores, preconceitos e relações de poder da sociedade que as produziu

CONEXÃO
HISTÓRICA



Século XIX → teorias raciais → fotografia científica → Rosana Paulino



Dalton Paula

Retratos Silenciados, 2018



Palavras-chave:
retrato • poder • memória • população negra



Quem merece ter seu retrato preservado pela História?



Durante séculos, o retrato esteve ligado à construção e à preservação da memória daqueles que ocupavam posições de poder.

Reis, nobres, membros do clero e, posteriormente, a burguesia fizeram da própria imagem um instrumento de distinção e permanência: ser retratado significava também reivindicar um lugar na História. É justamente essa tradição que Dalton Paula desloca e tensiona. Ao recorrer à linguagem histórica do retrato para representar sujeitos negros sistematicamente apagados das narrativas oficiais, o artista transforma um gênero associado ao prestígio em um gesto de reparação da memória. Seus retratos não apenas dão rosto a personagens esquecidos: questionam quem teve, historicamente, o direito de ser visto, lembrado e reconhecido.

Representar também é conceder visibilidade histórica.



Ayrson Heráclito

Transmutação da carne, 2000



Palavras-chave:
escravidão • corpo • trauma • performance

OLHAR DE **PERTO**



O corpo
escravizado não
precisa ser
literalmente
representado.

Corpo como plataforma poética

Na performance *Transmutação da Carne*, de Ayrson Heráclito, realizada inicialmente em 2000, o artista utiliza carne de charque sobre corpos humanos como metáfora da violência histórica da escravidão. Os participantes vestem roupas feitas com o alimento e são marcados com ferro quente, em uma referência direta aos castigos, à exploração e à objetificação dos corpos negros escravizados. A obra aproxima corpo, carne e memória, mostrando como as violências do passado colonial permanecem inscritas simbolicamente no presente. Ao mesmo tempo, a ideia de “transmutação” sugere que esse corpo não é apenas lugar da violência: por meio do ritual e da performance, ele se converte também em espaço de memória, resistência e elaboração do trauma histórico.



A carne torna-se metáfora do corpo.

CAPÍTULO DOIS

POVOS INDÍGENAS E DISPUTA DA IMAGEM

Quem pode representar quem?

Denilson Baniwa

1. ReAntropofagia, 2017



O que acontece quando aquele que historicamente foi representado passa a produzir sua própria representação?

MODERNISMO × ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA



Abaporu, 1928
Tarsila do Amaral

A obra *ReAntropofagia* (2018), de Denilson Baniwa, estabelece um confronto direto com o *Abaporu* (1928), de Tarsila do Amaral. Se o *Abaporu* tornou-se símbolo da antropofagia modernista — baseada na ideia de “devorar” referências estrangeiras para produzir uma cultura brasileira —, Baniwa questiona quem foi devorado nesse processo. Ao apresentar a cabeça de *Abaporu* em uma bandeja, cercada por elementos indígenas, o artista inverte a lógica antropofágica: agora são os povos indígenas que simbolicamente devoram o imaginário modernista que se apropriou de suas culturas. A obra evidencia, assim, uma contradição do modernismo brasileiro: a construção de uma identidade nacional inspirada no indígena sem necessariamente conceder protagonismo, voz ou autoria aos próprios povos indígenas.

2. Pajé-Onça Hackeando a 33ª Bienal



Conceitos: intervenção • instituição • representação



CONCEITO NOVO

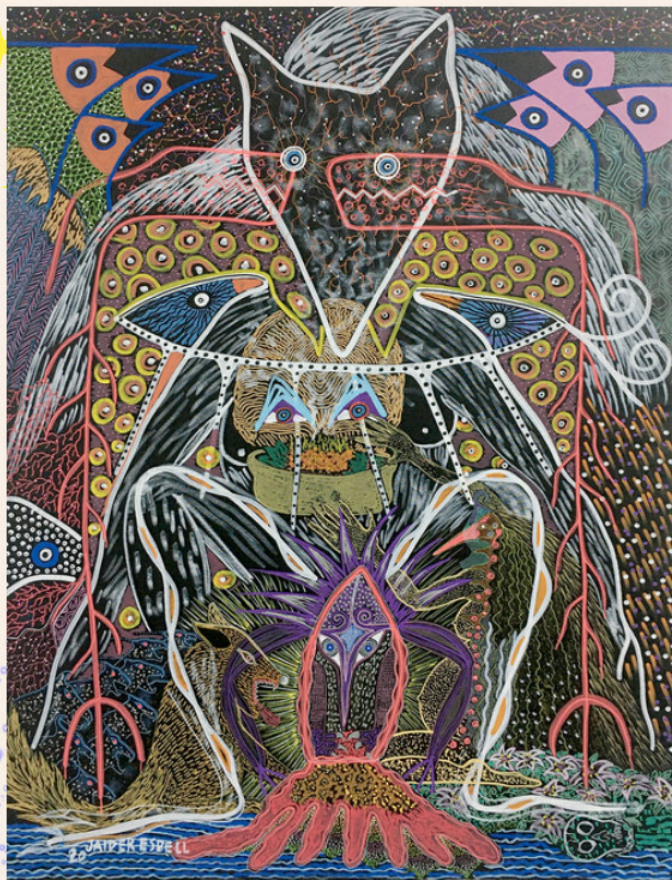
Crítica institucional

A arte contemporânea pode questionar o próprio museu, a Bienal, o mercado e as instituições responsáveis por decidir o que deve ou não ser reconhecido como arte.

Jaider Esbell

A Guerra dos Kanaimés

INDÍGENA ≠ PASSADO



A arte indígena contemporânea rompe com a ideia de que povos indígenas pertencem apenas ao passado ou à tradição.

Na série **A Guerra dos Kanaimés**, o artista indígena Jaider Esbell mobiliza a figura do Kanaimé, presente nas cosmologias dos povos indígenas da região circun-Roraima, para confrontar as violências históricas e contemporâneas da colonização. Em vez de tratar o Kanaimé a partir do olhar ocidental, que frequentemente o reduz à ideia de ameaça ou “mal”, Esbell recupera sua potência dentro de outras formas de compreender o mundo, fazendo da obra um embate entre cosmologias indígenas e a racionalidade colonial. A “guerra”, nesse sentido, não é apenas um conflito físico: é também uma disputa por imagens, narrativas e modos de existência, na qual o artista reivindica o direito dos povos indígenas de representarem a si mesmos e produzirem suas próprias interpretações da história e do território.



Daiara Tukano

Território • ancestralidade • monumentalidade
• espaço urbano



O que
acontece
quando
cosmologias
indígenas
ocupam os
muros das
grandes
cidades?

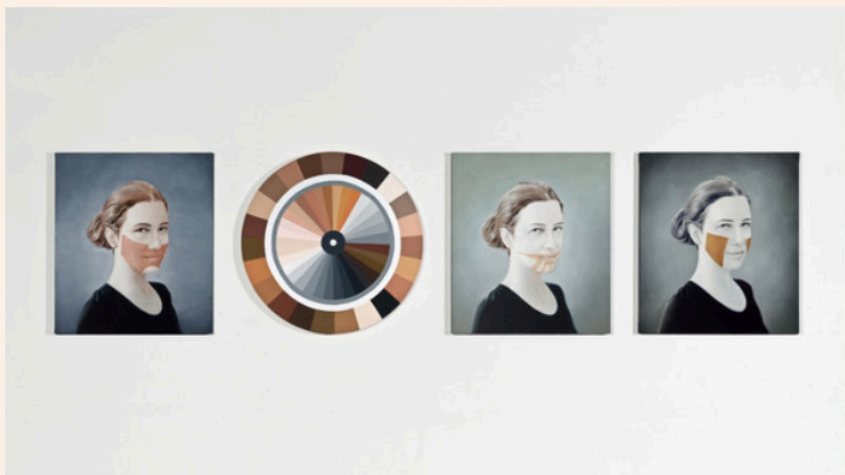


CAPÍTULO TRÊS

COLONIALISMO E IDENTIDADE

Adriana Varejão

1. Polvo



Polvo, Adriana Varejão, 2014



Adriana Varejão questiona a ideia de que seria possível definir a identidade racial brasileira por categorias rígidas de cor

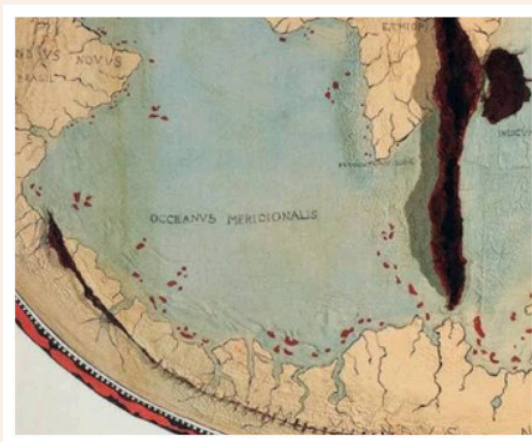




A obra evidencia a complexidade da miscigenação brasileira, mas também expõe criticamente como raça e cor são construções sociais atravessadas pelo racismo e pela ideologia do embranquecimento.



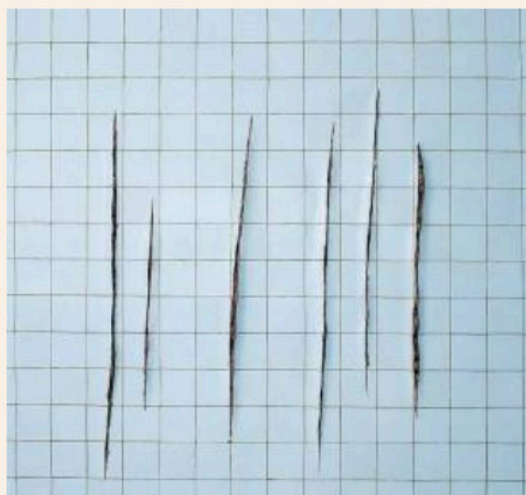
2. Mapa de Lopo Homem II



Adriana Varejão se apropria de uma antiga cartografia portuguesa e a transforma em um corpo ferido



A obra questiona a suposta neutralidade dos mapas produzidos durante a expansão colonial, revelando que a construção e a divisão dos territórios também carregam histórias de conquista, exploração e violência.



Assim, Varejão faz da ferida uma metáfora da própria história brasileira: o passado colonial não está encerrado; permanece como uma cicatriz que insiste em se abrir no presente.

Parede com Incisões a la Fontana, 2000



CONCEITO — COLONIALIDADE

O colonialismo pode terminar politicamente sem que desapareçam as estruturas culturais, raciais e simbólicas produzidas durante a colonização.

CONCEITO — PERFORMANCE

Na arte contemporânea, uma ação realizada pelo artista pode constituir a própria obra.

Em Notícias de América (2011–2012), Paulo Nazareth transforma o próprio deslocamento pelo continente americano em obra de arte. Em sua longa viagem por terra, partindo do Brasil em direção aos Estados Unidos, o artista produz fotografias, vídeos, textos, objetos e ações performáticas a partir dos encontros ocorridos pelo caminho.



Ao percorrer rotas historicamente marcadas pela migração e pela desigualdade, Nazareth coloca seu próprio corpo em contato com fronteiras, identidades raciais, heranças coloniais e diferenças sociais

CAPÍTULO QUATRO

MEIO AMBIENTE, CONSUMO E TRABALHO



Marat (Sebastião), 2008



JACQUES-LOUIS DAVID
A morte de Marat, 1793



CONCEITO — APROPRIAÇÃO

Um artista pode retomar uma imagem anterior e modificar seu significado.

Isso não é simplesmente copiar.

A nova obra estabelece um diálogo crítico com a história da arte

A apropriação desloca uma imagem consagrada da História da Arte para o universo de trabalhadores socialmente marginalizados, transformando o catador em protagonista de uma composição originalmente dedicada a um herói político.



Ao aproximar lixo, trabalho e monumentalidade, Muniz questiona quais corpos são considerados dignos de representação e de memória, ao mesmo tempo que evidencia a capacidade da arte de atribuir visibilidade e valor àquilo que a sociedade costuma descartar.



"Lixo Extraordinário" mostra Vik Muniz com catadores

Frans Krajcberg

Sem título



A matéria como testemunho.

Restos da destruição ambiental tornam-se
matéria artística.

Nuno Ramos

Bandeira Branca, 2010

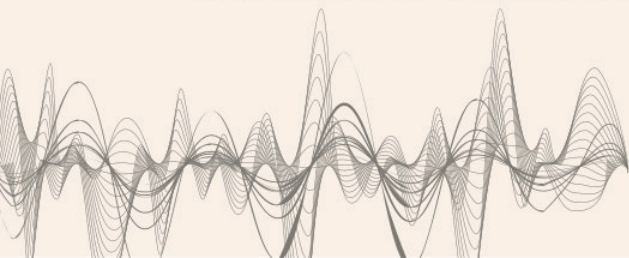


O artista reúne grandes estruturas de areia preta, caixas de som que reproduzem canções brasileiras e urubus vivos, criando uma atmosfera simultaneamente monumental, fúnebre e inquietante.

DEBATE

A arte deve possuir limites éticos?

Uma caixa apresentaria a controvérsia envolvendo os animais na instalação.

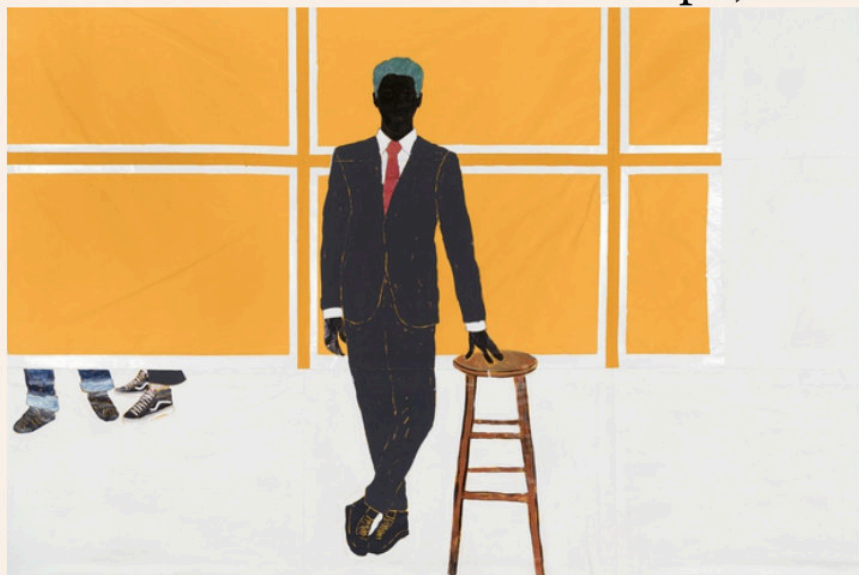


CAPÍTULO CINCO

CIDADE, PERIFERIA E DESIGUALDADE

Maxwell Alexandre

Pardo é Papel, 2022



PARDO

COR

Classificação racial

Material



Maxwell Alexandre
transforma a palavra
“pardo” em uma
provocação política

Ao afirmar que “pardo é
papel”, o artista desloca o
termo do corpo para o
suporte da pintura:
pardo é a cor do papel;
os sujeitos representados,
por sua vez, são
afirmados como negros



OSGEMEOS

MUSEU × RUA

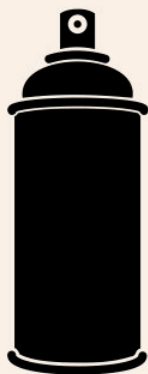


Quem determina onde a arte pode existir?



CIDADES

Prefeitura apaga parte de grafite da dupla Os Gêmeos





Etnias



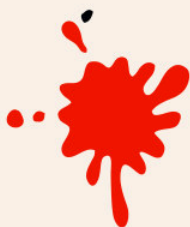
Diversidade • monumentalidade • cidade •
identidade

CUIDADO COM A INTERPRETAÇÃO

Uma obra sobre diversidade não deve ser automaticamente reduzida a "respeitar as diferenças".

No ENEM, procure identificar como os elementos visuais constroem esse discurso.

Isso ensina técnica de prova.



Berna Reale

Palomo, 2012



Corpo + cidade + uniforme + cavalo +
performance

Como uma imagem aparentemente absurda pode
produzir uma crítica ao poder?



Em Palomo (2012), Berna Reale percorre as ruas de Belém montada em um cavalo originalmente branco, tingido de vermelho, usando vestimentas negras semelhantes às de forças policiais e uma focinheira. A imagem remete ao Cavaleiro do Cavalo Vermelho do Apocalipse, associado à guerra, e transforma a figura policial em uma presença simultaneamente autoritária e ameaçadora.



A obra questiona a contradição de um Estado que
promete proteger, mas que também pode
produzir medo, controle e violência sobre os
corpos.





Arte urbana • gênero • violência • corpo

CONEXÃO
ENEM



Direitos das mulheres • ocupação do espaço público • violência de gênero • grafite.

CAPÍTULO SETE

QUANDO O ESPECTADOR ENTRA NA OBRA

~~NÃO TOQUE NA OBRA.~~

ENTRE. TOQUE. SINTA. EXPERIMENTE.

Em determinadas práticas contemporâneas, a experiência do espectador participa da própria constituição da obra.

Ernesto Neto



ARTE TRADICIONAL

obra → espectador

ARTE PARTICIPATIVA

obra ↔ espectador



SESSÃO ESPECIAL

8 CONCEITOS PARA NÃO ERRAR ARTE CONTEMPORÂNEA NO ENEM

1. INSTALAÇÃO

A obra organiza objetos, materiais e espaço criando uma experiência.

2. PERFORMANCE

A ação ou presença corporal constitui a linguagem artística.

3. APROPRIAÇÃO

Uma imagem ou objeto existente é incorporado e ressignificado.

4. INTERVENÇÃO

O artista interfere em um espaço ou contexto preexistente.

5. ARTE URBANA

A cidade transforma-se em suporte e espaço de circulação da obra.

6. ARQUIVO

Documentos e imagens históricas podem ser apropriados, reorganizados e questionados

7. CRÍTICA INSTITUCIONAL

A obra questiona museus, exposições e estruturas de legitimação artística.

8. ARTE PARTICIPATIVA

A participação do público interfere na experiência ou constituição da obra.

"MAS ISSO É ARTE?"

Talvez você tenha feito essa pergunta em algum momento deste e-book.

Ela não é necessariamente uma pergunta ruim.

Mas podemos substituí-la por perguntas mais interessantes:

Por que isso foi apresentado como arte?

Que linguagem o artista escolheu?

Por que utilizou esse material?

Que imagens anteriores estão sendo retomadas?

Que memória está sendo disputada?

Quem está falando?

Quem está sendo representado?

O que essa obra nos obriga a enxergar?

**Compreender arte contemporânea não
significa aprender a gostar de tudo.**

**Significa aprender a formular perguntas
melhores diante das imagens.**



ATELIÊ DE ESTUDOS

SofiArte